

# A trajetória polissêmica de Josué de Castro

*The polysemic trajectory of Josué de Castro*

Lucas Barroso<sup>1</sup>

Andréa Cristina de Barros Queiroz<sup>2</sup>

## Resumo

A presente transcrição faz parte da trajetória polissêmica de Josué Apolônio de Castro (1908-1973), uma das personalidades investigadas pelo projeto de pesquisa “A UFRJ e a ditadura civil-militar (1964-1985): lugares de memória e trajetórias”, vinculado à Divisão de Memória Institucional (DMI) do Sistema de Bibliotecas e Informação (SiBI) da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O projeto visa analisar a trajetória dos docentes da UFRJ cassados durante o regime ditatorial brasileiro. O objetivo desta transcrição é apresentar a visão do jovem Castro, então concluinte do curso de Medicina pela Universidade do Rio de Janeiro (URJ), atual UFRJ, a respeito de temas vislumbrados após uma viagem internacional, como, por exemplo, ibero-americanismo, jornalismo, literatura e ciência na América Latina, em um foco comparativo entre as realidades brasileira, argentina e uruguaia. A entrevista está armazenada na Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional e foi transcrita por um dos integrantes do projeto, com auxílio da coordenadora da ação.

## Abstract

This transcript is part of the polysemic trajectory of Josué Apolônio de Castro (1908-1973), one of the personalities investigated by the research project “UFRJ and the civil-military dictatorship (1964-1985): places of memory and trajectories”, linked to the Institutional Memory Division (DMI) of the Library and Information System (SiBI) of the Federal University of Rio de Janeiro. The project aims to analyze the trajectory of UFRJ professors who were expelled during the Brazilian dictatorial regime. The objective of this transcription is to present the vision of the young Castro, then completing the medical course at the University of Rio de Janeiro (URJ), currently UFRJ, regarding themes envisioned after an international trip, such as, for example, Ibero-Americanism, journalism, literature and science in Latin America, in a comparative focus between the Brazilian, Argentinean and Uruguayan realities. The interview is stored in the National Library Foundation’s Digital Hemeroteca and was transcribed by one of the project’s members, with the help of the action coordinator.

**Palavras-Chave:** Memória, Trajetória, Josué de Castro

**Keywords:** Memory, Trajectory, Josué de Castro

1 lucas@platypusrio.com.br

2 andreaqueiroz@sibi.ufrj.br

## Comentário

A transcrição deste documento referente a uma entrevista do professor Josué Apolônio de Castro (1908-1973) para o Jornal Pequeno (PE)<sup>1</sup>, em 1928, faz parte das análises realizadas sobre a trajetória dos docentes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) cassados durante o período da ditadura civil-militar no Brasil.

Essa investigação se insere no projeto de pesquisa “A UFRJ e a ditadura civil-militar (1964-1985): lugares de memória e trajetórias” (QUEIROZ, 2022), coordenado por QUEIROZ (2018; 2021; 2022) e vinculado à Divisão de Memória Institucional (DMI) do Sistema de Bibliotecas e Informação (SiBI) da UFRJ.

O projeto tem como um de seus objetivos: investigar os impactos repressivos e as violações de direitos humanos ocasionados pelo regime ditatorial na Universidade e também compreender as relações de conflito, conciliação e apoio de integrantes do corpo social da instituição com o governo autoritário.

Assim como em outras instituições de ensino superior, a UFRJ sofreu um grande esvaziamento científico, político, social e cultural em virtude da ditadura instaurada pelo golpe militar de 1964, posto que afetou diretamente a vida de estudantes, técnicos e professores em decorrência da vigília, perseguição e expulsão de seu corpo social, além da censura às bibliotecas e às pesquisas de.

Um exemplo dessa perseguição ao corpo social da então Universidade do Brasil foi a prisão, em abril de 1964, imediatamente após o golpe, do físico e professor da FNFi Plínio Süsskind Rocha e do médico e professor da Escola de Enfermagem Manoel Isnard de Souza Teixeira; em seguida, em agosto do mesmo ano, foi preso o físico e professor da FNFi José Leite Lopes (QUEIROZ, 2021).

Dentre os cerca de quarenta e quatro docentes da UFRJ cassados pela ditadura civil-militar brasileira<sup>2</sup>, destacamos, neste estudo, a figura polissêmica<sup>3</sup> de Josué Apolônio de Castro (1908-1973), um importante ator político brasileiro e internacional, que atuou no campo da saúde e das humanidades.

1 “Jornal Pequeno” foi um periódico de média circulação em Recife, capital de Pernambuco (PE), de prestígio nacional. O seu proprietário e diretor foi o jornalista brasileiro Thomé Joaquim de Barros Gibson (1872-1928). O periódico era voltado para as camadas menos abastadas da cidade (PRESTRELO, 2013, p. 4). A sua primeira edição foi publicada em 01 de julho de 1898, com o nome “Pequeno Jornal” e se utilizava das oficinas do “Jornal do Recife”. Até o dia 20 de julho de 1899 seguiu utilizando as instalações da referida oficina, mas foi despejado e, por isso, interrompeu a sua triagem por alguns dias. Quatro dias depois, mudou-se para a Rua Duque de Caxias, ainda em Recife (PE), alterando o seu nome para “Jornal Pequeno”, e reiniciou a sua nova contagem com as suas publicações periódicas (PEQUENO JORNAL, 1898; JORNAL PEQUENO, 1899). A sua última edição foi publicada no dia 31 de dezembro de 1955.

2 Sobre os professores cassados da UFRJ durante a ditadura ver o trabalho de QUEIROZ, 2018.

3 Para a investigação em torno da trajetória de Josué Apolônio de Castro, evidencia-se a categoria “polissêmica” como ferramenta teórico-metodológica. Para compreendermos o seu uso neste trabalho, recorremos a recurso da interdisciplinaridade. Na área sociolinguística, o sentido do conceito empregado, em sua etimologia, remete à noção de múltiplos significados, o que alude a diversos sentidos e inserções sociais, mesmo quando se tem uma determinada expectativa de uma área, época e/ou sociedade (MORIN, 2014). Já no campo historiográfico, o conceito pode ser compreendido como uma síntese da diversidade de uma dada experiência histórica (BÓAS FILHO, 2023, p. 669).

Em dezembro de 1929, Josué de Castro foi transferido da Faculdade de Medicina da Bahia (FAMEB) para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, vinculada à então Universidade do Rio de Janeiro (URJ), atual UFRJ, formando-se aos 21 anos. Depois, em 1939, graduou-se em Filosofia pela mesma instituição.

Iniciou a sua carreira como docente lecionando Fisiologia na Faculdade de Medicina do Recife. Depois foi um dos fundadores da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais na mesma cidade, onde lecionou a disciplina de Antropogeografia Social. Mudou-se novamente para o Rio de Janeiro, onde foi admitido como responsável pela cátedra de Antropologia na recém-criada Universidade do Distrito Federal (UDF).

Ao longo de sua existência, ocupou diversas cátedras, como as de Fisiologia, Antropogeografia Social, Antropologia e Geografia Humana em universidades do Recife e do Rio de Janeiro. Concorreu ao Prêmio Nobel de Medicina, em 1954, e ao da Paz por duas vezes, em 1963 e em 1970.

Com o encerramento da UDF, em 1939 pela ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas, a maior parte de sua estrutura docente foi realocada para a Universidade do Brasil (UB) – nova designação da Universidade do Rio de Janeiro (URJ) a partir de 1937 –, onde foi nomeado para a cátedra de Geografia Humana na Faculdade Nacional de Filosofia (FNFi) da UB.

Josué de Castro permaneceu na cátedra da FNFi até o início da década de 1950, quando se ausentou de seu cargo docente para ingressar na vida político-partidária brasileira e internacional, filiando-se ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Em 1952, por uma diferença de apenas quatro votos, foi eleito presidente do Conselho Consultivo da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), exercendo essa função diplomática até 1956. Foi eleito deputado federal pelo PTB de Pernambuco em 1954 e reeleito em 1958.

Entretanto, em 1962, estando desiludido com a política brasileira (AMORIM, 2016), Josué de Castro renunciou ao seu mandato de deputado federal a fim de ser nomeado, pelo então presidente da República João Goulart (1961-1964), para o cargo de Chefe da Delegação do Brasil em Genebra, com a categoria de Embaixador para assuntos ligados à Organização das Nações Unidas (ONU).

O mês de março de 1964 foi um marco importante para a política nacional e para a carreira política de Josué de Castro. No início do mês, mais precisamente no dia 13, o embaixador estava presente no histórico comício da Central do Brasil<sup>4</sup> e almejava mudanças concretas para o Brasil (MELO; NEVES, 2007), porém, ao final do mês, assistiu incrédulo à eclosão de um golpe militar que o destituiu de seu cargo diplomático e cassou os seus direitos políticos.

No dia 09 de abril de 1964, Ranieri Mazzilli, o então presidente da Câmara dos Deputados em exercício no cargo de presidente interino da República, dispensou Josué de Castro da função de Chefe da Delegação do Brasil em Genebra. A exoneração foi publicada nesse mesmo dia no Diário Oficial da União (DOU) (BRASIL, 1964a).

4 O comício da Central do Brasil foi um evento histórico que ocorreu em 13 de março de 1964, no Rio de Janeiro. O evento foi organizado por líderes sindicais e políticos de esquerda, que contou com discursos inflamados de figuras importantes da época, como o presidente João Goulart e Leonel Brizola, ambos do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Entre as mudanças concretas que eram almejadas nesse acontecimento estavam a defesa da democracia, dos direitos trabalhistas e sociais, da reforma agrária, além de reivindicações por melhores condições de vida e de trabalho para a população brasileira.

No dia seguinte, após a outorgação do primeiro Ato Institucional, o governo autoritário publicou, também em Diário Oficial, a primeira lista de suspensão de direitos políticos, cassando os direitos de cem personalidades políticas por um prazo de dez anos (BRASIL, 1964b). Josué de Castro apareceu na trigésima posição da lista, sendo um dos primeiros professores da Universidade do Brasil (UB) a ser cassado pelo Ato Institucional nº 1.

Antes de sua cassação, o diplomata havia sido docente da Universidade do Brasil (UB) e ex-diretor do Instituto de Nutrição da UB, antigo Serviço Técnico de Alimentação Nacional (STAN) da Coordenação de Mobilização Econômica, criado a partir da portaria nº 5/42, de 19/10/1942.

Ao final do mês de abril de 1964, após alguns países terem aberto as suas portas para asilá-lo, despediu-se de Genebra e resolveu fixar residência em Paris, a fim de dirigir a nova filial francesa do Centro Internacional de Desenvolvimento (CID), uma instituição não governamental financiada por industriais franceses que tinha o objetivo de contribuir para o pleno desenvolvimento de países do chamado “terceiro mundo”<sup>5</sup>.

Em território francês, também lhe foi proposto ser docente em cursos regulares que debatiam temáticas e problemas de Geografia Humana no Instituto de Desenvolvimento Econômico e Social e no Instituto de Altos Estudos Latino-Americanos, ambos vinculados à Universidade de Paris.

Posteriormente, em 15 de janeiro de 1970, a ditadura civil-militar brasileira decretou o Ato Complementar 78, que determinava o afastamento de servidores públicos que tivessem sofrido a suspensão dos direitos políticos ou a cassação de mandato eletivo. Assim, mesmo já estando no exterior, Josué de Castro foi aposentado compulsoriamente de seu cargo de professor de Ensino Técnico, vinculado à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)<sup>6</sup>.

Tanto no Brasil quanto em seu exílio, Josué de Castro debruçou-se sobre as questões do problema da alimentação, da fome, da diversidade étnico-racial, da justiça social e da geografia urbana do Brasil<sup>7</sup>. Em tempos atuais de avanços de negacionismo histórico e de descredibilização da ciência, analisar a sua trajetória de vida e as suas contribuições para o desenvolvimento da ciência latino-americana é uma tarefa fundamental e necessária tanto no meio acadêmico, como também na sociedade, sobretudo, diante de suas políticas públicas no combate à miséria e à fome. Por isso, destacamos uma entrevista concedida pelo intelectual a um jornal pernambucano ainda em 1928, no contexto do retorno de uma viagem internacional quando ainda era um jovem estudante de medicina.

5 Por “terceiro mundo”, ou doravante “países em desenvolvimento”, compreendia-se os países periféricos do capitalismo, para além da famigerada noção de neutralidade política e de formação de terceiro núcleo de poder político em meio à bipolaridade da Guerra Fria. Em comparação aos países europeus centrais, aos Estados Unidos, ao Canadá e ao Japão, entendia-se os países de África, Ásia e América Latina como componentes desse núcleo (HÖSLE, 2013, p. 239). Almejando contribuir para o desenvolvimento desses respectivos países, o Centro Internacional do Desenvolvimento (CID) visava a contribuição entre países com o objetivo de consolidar a industrialização no “terceiro mundo”. O CID possuía sedes na Suíça, França e Canadá. Em 1967, chegou a cogitar-se uma instalação de uma filial no Rio de Janeiro, porém o momento político ditatorial inviabilizou a proposta (JORNAL DO BRASIL, 1967, p. 31).

6 A partir de 1965, pelo decreto-lei nº 4.759, a antiga Universidade do Brasil (UB) passou a se chamar Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O governo ditatorial padronizou o nome das instituições universitárias federais, definindo que elas passariam a ser qualificadas de “federais” associadas aos seus locais de origem.

7 Sobre a atuação polissêmica de Josué de Castro em múltiplas áreas do conhecimento ver: CASTRO, 1928; 1936; 1937; 1946; 1957; 1959; 1968.

Josué Apolônio de Castro – que “não gostava do [sobrenome] Apolônio” (LUDERMIR, 1983) – nasceu no dia 05 de setembro de 1908, na rua Joaquim Nabuco, no bairro da Madalena, em Recife, capital de Pernambuco. Foi o filho único da professora Josepha Carneiro de Castro, filha de um senhor de engenhos da zona da mata pernambucana, e do comerciante paraibano Manoel Apolônio de Castro, proprietário de terras em Cabaceiras, no sertão da Paraíba (PB), que, em decorrência de uma forte seca, se mudou para Pernambuco. Os seus pais se separaram quando ainda era um menino de quatro anos de idade e durante os seus primeiros anos de vida morou com a sua mãe em Recife.

Oriundo de uma família de classe média vinda do sertão pernambucano, Josué de Castro, ao longo de sua mocidade, foi matriculado nos melhores colégios da capital do Estado. Iniciou a sua vida escolar em um colégio local e, posteriormente, teve a sua matrícula aprovada no Instituto Carneiro Leão, fundado e dirigido por Pedro Augusto Carneiro Leão, no qual orientou a sua passagem pelo colégio. Em 1921, aos 13 anos, prestou exame para o Ginásio Pernambucano e foi aprovado com destaque, passando a ser aluno dessa tradicional instituição recifense, uma das escolas secundárias mais antigas do Brasil.

Aos 15 anos, após terem burlado a sua idade em um documento, foi aprovado precocemente para ingressar na Faculdade de Medicina da Bahia (FAMEB), como desejado pelo seu pai e sonhado por sua mãe (MELO; NEVES, 2007). Após a conclusão meritória de três anos na instituição, solicitou transferência para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. No ano de 1925, mudou-se para a então capital da República.

Ao final de 1927, aos 18 anos, quando estava cursando o quarto ano de Medicina, foi escolhido para fazer parte da Caravana Médica Brasileira, uma expedição à região do rio da Prata entre o final de 1927 e o início de 1928, que, contando com mais de cem médicos brasileiros e cinquenta acadêmicos, foi empreendida por Luiz do Nascimento Gurgel (1878-1928). Em sua concepção, o projeto foi idealizado para estreitar os laços entre as classes médicas sul-americanas.

O percurso desse ciclo de viagens diplomáticas às Repúblicas Platinas foi informado em algumas edições do Jornal Pequeno. A primeira notícia tratou de informar como “um real serviço de congraçamento sul-americano” (JORNAL PEQUENO, 1927a, p. 1). No número 248º, o periódico valorizou a ambição de paz e conciliação do movimento em um contexto pós Primeira Guerra Mundial (JORNAL PEQUENO, 1927b, p. 1). Em outras cinco edições não-consecutivas, apresentou a atualização dos itinerários da viagem.

Na referida Caravana, Josué de Castro atuou como representante dos discentes da Universidade do Rio de Janeiro (URJ), antiga UFRJ como já mencionado. Assim, viajou à região do rio da Prata e às capitais dos países da Argentina, Buenos Aires, e do Uruguai, Montevidéu. A bordo da embarcação “Itaimbé”, partiu do Brasil na primeira semana de dezembro de 1927.

Acerca de sua passagem a esses países latino-americanos, Castro escreveu posteriormente

[...] trago de Montevidéu e Buenos Aires uma impressão rápida cinematographica que só deu tempo a deslumbramentos. Sempre uma nova maravilha vinha quebrar o extase de uma beleza que continuava ondulando dentro da alma. E foi assim toda viagem por aquellas terras. Montevidéu é uma deliciosa paizagem enquadrada numa moldura de prata e frisada de bellas

praias. Eu me apaixonei pelas linhas graciosas de sua architectura, o encanto de seus bosques e a bondade infantil do seu povo. Foi Montevi  o em minha imagina  o risonha uma cidade de brinquedo, eu a chamava cidade-menina, e quando o mar perverso me arrancou do seu seio eu fiquei choroso e triste como uma criança  qual lhe arrebatam os doces da palma da mão. Buenos Aires com o brilho lustroso de suas avenidas, as amplas fachadas de seus rascacielos, emfim, com toda a grandeza de sua civiliza  o metalica jogou muito com minha sensibilidade e empolgou minha alma até o delirio da adora  o. Eu fiquei adorando o povo forte que ergueu da superficie lisa e esticada do pampa um desafio  imponencia dos Andes que gritou para a natureza o seu desdem e seu grito se cristalizou numa epop  a de pedra (CASTRO, 1928, grifos do autor).

Ainda nas palavras de Josué de Castro, “foi uma viagem de confraternidade, o advento de novas aproxima  es e futuros contatos até a máxima aspira  o de que será o perfeito sinergismo internacional em que todas as forças terão uma única resultante: o trabalho pacífico e honrado da América Livre” (apud MELO; NEVES, 2007, p. 34).

Ao retornar ao Brasil, publicou uma série de cr  nicas e de relatos de viagem e também uma série de entrevistas em periódicos nacionais que foram divididas em edi  es publicadas no Brasil. Uma delas foi uma entrevista concedida ao Jornal Pequeno, um antigo periódico popular que circulava pela região de Recife, no estado de Pernambuco (PE), a sua cidade natal.

Como era comum na época, o longo diálogo foi dividido em duas partes, sendo a primeira publicada no número 26, do dia 01 de fevereiro de 1928, e a segunda no número 30, do dia 06 de fevereiro de 1928. As edi  es do periódico não identificaram o nome do entrevistador ou a data em que a entrevista foi realizada. Ambas as edi  es estão disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira da Funda  o Biblioteca Nacional<sup>8</sup>.

Na entrevista, Josué de Castro foi indagado pelo entrevistador anônimo quanto  sua passagem pela Argentina e pelo Uruguai, na condi  o de membro da Caravana Médica Brasileira<sup>9</sup>, enquanto representante do corpo discente da Universidade do Rio de Janeiro (URJ) e d’O Paiz, antigo jornal diário de grande circula  o no Rio de Janeiro.

Além de comentários sobre os costumes, as mentalidades e a cultura desses povos, outros assuntos foram abordados, como a urgência da própria Caravana, a questão do ibero-americanismo, o jornalismo, a literatura e a ciência na América Latina, em um foco comparativo entre as realidades brasileira, argentina e uruguaia.

Alguns critérios foram adotados para preservar a originalidade e factualidade da fonte primária. Assim como no material original, os títulos estão centralizados e as se  es estão alinhadas  esquerda, estando ambos separados do corpo do texto por colchetes. Seguindo o estilo e a disposi  o primários, a transcri  o est  a dividida em parágrafos, separados por quebras de linha.

<sup>8</sup> A Hemeroteca Digital Brasileira da Funda  o Biblioteca Nacional  um portal de periódicos nacionais que proporciona ampla consulta virtual ao seu acervo de jornais históricos e de publica  es seriadas. A plataforma pode ser acessada em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>

<sup>9</sup> A Caravana Médica Brasileira foi noticiada apenas uma vez no sítio da Academia Nacional de Medicina (ANM) na se  o “Luiz do Nascimento Gurgel”, idealizador e líder do grupo de médicos excursionistas que viajaram para debater e projetar técnicas médicas do continente. Ver: ANM, [s.d.]. J  y na Hemeroteca Digital Brasileira da Funda  o Biblioteca Nacional, existem 550 men  es  expedi  o entre os anos de 1920 e 1929.

A escrita foi preservada nos mínimos detalhes. Como na entrevista original, as palavras em maiúsculas são utilizadas para destacar títulos e nomes próprios, já em minúsculas são utilizadas para o restante do texto. A ortografia, a acentuação e a pontuação também seguem a sua versão original, com a grafia de época.

### **Entrevista com Josué de Castro**

[fl. 1]

[centralizado: CARAVANA MEDICA BRASILEIRA]

[centralizado: (IMPRESSOES DO PRATA)]

[centralizado: Entrevista com o academico Josué de Castro]<sup>10</sup>

[à margem esquerda: UMA ENTREVISTA]

Chegou ha pouco do Rio de Janeiro  
o estudante de Medicina e jornalista  
Josué de Castro, um dos membros da  
Caravana Medica que visitou as Re-  
publicas Platinas.

O sr. Josué de Castro é um tempe-  
ramento entusiasta que procura es-  
tudar tudo, achaudo sempre em tudo  
que estuda alguma cousa de interessante.

Tem profunda dedicação pela  
Medicina, enleva-se pela Litteratura,  
filiado á moderna corrente de ideias,  
agrupando-se assim aos nossos mo-  
dernos escriptores de vanguarda, e  
entrega-se ao jornalismo profissional.

Não lhe são indiferentes os pro-  
blemas sociaes, interessando-se par-  
ticularmente pelos assumptos ame-  
ricanos.

Incorporado á Caravana Medica co-  
mo representante da classe estudan-

<sup>10</sup> JORNAL PEQUENO. Caravana Medica Brasileira. Recife, 01 fev. 1928a. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/800643/43214>>. Acesso em: 13 jan. 2022.

te da Universidade do Rio de Janeiro e do diario carioca “O PAIZ”, o nosso joven conterraneo teve oportunidade de demonstrar nas terras platinas a clareza de seus ideaes sobre o iberoamericansimo e o Pacifismo da America.

De regresso ao Brasil, estariam por certo suas ideias agitadas por emoções novas e seu cerebro fervilhante de impressões bizarras.

Procuramo-lo, pois para ouvil-o falar sobre a Caravana, seus fins e proveitos, assim como dar-nos algumas gravuras litterarias sobre aquellas terras e povos, emfim uma palavra sobre a sciencia na America hespanhola. Fomos encontra-lo em casa, fechado no seu gabinete de estudo entre tratados de clinicas, anthologias poeticas, livros de Freud e Ingenieros.

- Está lendo?

- Não, estou arrumando livros.

E assim começamos a entrevista.

[à margem esquerda: NASCIMENTO GURGEL E A CARAVANA]

- Que nos diz sobre a Caravana?

- Tudo o que quizer. A Caravana foi um orgulho para o Brasil, de tudo della se pode falar alto, porque tudo nella foi brilhante e profícuo.

O seu emprehendededor, o pranteado sabio Nascimento Gurgel, em meio da jornada definiu-a, numa phrase simples e cheia de justa satisfação: “a Caravana Medica é um sonho realizado”.

Trazia o saudoso mestre ha muito  
moldado na substancia luminosa de  
um sonho este radiante ideal e para  
transmudal-o em realidade gastou to-  
da força viva de sua vida môça. E  
parou de viver. Foi como o artista  
genial cuja fantazia vive a acariciar  
monumentos imaginarios e quando o  
escalpello broca na pedra dura o con-  
torno do seu sonho, elle cae morto  
extasiado, deante da opulencia e mag-  
nitude de sua obra. Não foi, porem,  
a morte que o venceu, foi seu idéal  
que venceu sua propria vida.

Continua, porém, a rumorejarem  
suas aspirações no coração da mocici-  
dade, da mocidade americana que ou-  
viu Ingenieros dizer que “sem idéal  
não ha juventude”.

De certo sabia Nascimento disto e  
morreu sorrindo e dizendo: “agora  
já posso morrer”. Sorrindo como os  
heróes sorriem para a morte que  
“talha as estatuaas e engendra a gloria”.

[à margem esquerda: SCIENCIA E DIPLOMACIA]

- Quaes os fins realisados pela  
Caravana?  
- Varios. A caravana levava no  
bojo complexo de suas aspirações mul-  
tiplos intentos e realisou-os todos. Pri-  
meiro, a approximação intellectual em-  
tre os estudiosos da sciencia destes  
povos, pharóes aclarantes na America  
Latina: o Brasil, a Argentina e o Uru-  
guay, assim como a troca de ideias  
acerca de problemas medicos ameri-  
canos e conhecimento para os brasi-  
leiros das instituições hospitalares e

sanitarios do Prata.

Visitamos nossos irmãos e vizinhos  
para divulgarmos nossos valores e ad-  
quirirmos novos ensinamentos.

[à margem esquerda: IBEROAMERICANISMO]

Foi o idéal de confraternisação iberoamericana, de intercambio intelectual, conhecimento mutuo e trabalho congregado entre os povos deste oponentissimo continente.

A Caravana Medica levou ao Prata o primeiro potencial de nossas forças intelligentes para que imbricadas e confundidas com as heroicas energias daquelles povos ellas rumen aprumadas por esta linha ideal onde deslisa vertiginoso o progresso na America. Foi esta viagem de confraternidade o advento de novas approximações e futuros contactos até a maxima aspiração que será o perfeito synergismo internacional em que todas as forças terão uma unica resultante: o trabalho pacifico e honrado na America livre.

[à margem esquerda: EMOÇÕES CONFUSAS]

- O que mais lhe impressionou na viagem?  
- É difícil responder. A curiosidade, “instincto complexo que leva dum a parte a escutar ás portas e por outra descobrir a America” nos impelle a tudo querer ver e tudo querer sentir quando pela vez primeiro a uma terra aportamos. E nossos olhos alumbados procuram avidos encher a cou-

cha da retina com todos os quadros  
que o acaso lhe apresente. Esgota-se  
a sensibilidade em emoções violentas  
porém depois do extase o tempo apa-  
ga veloz de nossa mente fragil o con-  
torno e a tonalidade e do nosso cora-  
ção a grata placidez daquelles radio-  
sos panoramas. Apenas resta a sensa-  
ção de alegria de espirito que gozou  
o deslumbramento duma nova visão.  
Quasi tudo se mistura, se baralha,  
se esbate em pinceladas confusas.  
Eu trago de Montevidéu e Buenos  
Aires uma impressão rapida e cine-  
matographica que não cedeu tempo a  
cogitações todas as tintas, paisagens  
e costumes, cores e sons se empasta-  
ram appresadamente em meu cerebro.  
Sempre uma nova maravilha vinha  
quebrar o extase duma belleza que  
continuava ondulando dentro d'alma.  
E foi assim toda a viagem por aquel-  
las terras.

[à margem esquerda: MONTEVIDÉO]

Montevidéu é uma deliciosa paisa-  
gem enquadrada numa moldura de  
prata e frisada de bellas praias. Eu  
me apaixonei pelas linhas graciosas  
de sua architectura, o encanto dos  
seus bosques e a bondade infantil do  
seu povo.

Foi Montevidéu em minha imagina-  
ção risonha uma cidade de brinque-  
do, (eu a chamaria cidade-menina) e  
quando o mar perverso me arrancou  
do seu seio, eu fiquei choroso e tris-  
te como um creançá, á qual lhe ar-  
rebatam os doces da palma da mão.

[à margem esquerda: BUENOS AIRES]

Buenos Aires, com o brilho lustroso  
de suas avenidas, as amplas fachadas  
de seus “rascacielos”, a divina poly-  
cromia de seus lettreiros luminosos,  
enfim, toda a grandeza de sua civi-  
lização metallica jogou muito com  
minha sensibilidade e empolgou mi-  
nh'alma até o delirio da adoração.  
Eu fiquei adorando o povo forte  
que ergueu da superfie lisa e estica-  
da dos pampas um desafio á impo-  
nencia dos Andes, o povo forte que  
gritou para a Natureza o seu desdem  
e seu grito crystallisou-se numa “epo-  
péia de pedra”.

[à margem esquerda: EMOÇÕES GALVANISADAS]

De tudo que meu cérebro *kodakisou* [grifo do autor]  
dois *films* [grifo do autor] conservam a nitidez de  
quadros originaes: uma tarde depois  
da chuva e um amanhecer em Paler-  
mo em meio de rosas.

Em uma tarde de verão sob raios  
doirados de um sol macio, fios longos  
de chuva envolviam em seda a silhue-  
ta esguia e alta da cidade de ferro  
e quando parou de chover tudo aquil-  
lo que o esforço humano levantou  
estava limpo e envernizado por obra  
da Natureza.

O asfalto lustroso e molhado pa-  
recia suar sob o esforço herculeo  
de suster 60.000 automoveis, e das cal-  
vas fachadas dos arranhaceus eu via  
descer em gottas o suor bemdito do  
pampenao que aqueceu a imaginação

ao calor do sol tropical e tostou a  
pelle da mão no carro quente do  
pampa.  
Para sempre me ficou gravado tam-  
bem um amanhecer no Rosedal.  
Foi o espectaculo mais radioso que  
Deus me concedeu admirar. Confesso  
que tive inveja daquelle povo que  
não deve te-la de outros, pois na ter-  
ra não haverá de certo nada mais  
bello que aquelle recanto ajardinado.  
Cada vez que uma rosa se abria, o dia  
se aclarava em mais luz; era como si  
o pollen das flôres fosse uma poeira  
luminosa aclarando a escuridão.  
Neste ambiente de sonhos eu pen-  
sava que a luz vinha do perfume das  
rosas e o sol era uma bandeja de  
prata apanhando pedacinhos de luz  
espalhados pelo chão.  
Foram estes os detalhes para mim  
mais impressionantes destas duas  
obras d'artes (Buenos Aires e Montevi-  
déo) deste gigantesco museu que é a  
America.

[à margem esquerda: TEMPO E ESPAÇO]

- Calou-se de perguntar, sr. Redac-  
tor? também cançei de responder. Ain,  
da tenho muito que dizer sobre o povo,  
os costumes, a cultura e a intelligen-  
cia neste pedaço da America decora-  
do pelo Prata, porem tempo e espa-  
ço custam muito neste mundo e prin-  
cipalmente neste seculo.  
Deixarei para depois e cançarei sua  
curiosidade touriste, como os “globe-  
trotters” vivem a cançar trens e navios  
pelo “gosto corporal de trotar” como  
disse o divino Eça.

[fl. 1]

[centralizado: CARAVANA MEDICA BRASILEIRA]

[centralizado: (IMPRESSOES DO PRATA)]

[centralizado: II  
Entrevista com o academico Josué de Castro]<sup>11</sup>

[à margem esquerda: O POVO URUGUAYO]

- Qual sua impressão dos povos  
platinos?

- Só por partes. Viajaremos entre  
os povos, e como quem navega em  
alto mar, fecharemos os olhos á natu-  
reza. Façamos porto de escala entre os  
Uruguaios. E como brasileiros que  
viajam em tempo de tempestade ou  
bonança melhor ancoradõro não nos  
podia dar a sorte que o da gente de  
Rodó.

O povo uruguayo é essencialmente  
delicado e polido, vivendo com distinc-  
ção e liberalidade dentro da democra-  
cia e do direito.

É o povo mais amigo do Brasil.  
Por toda esta vasta terra onde os  
homens se amam e se matam em to-  
dos os tempo, é o Uruguay o paiz  
que mais admira e presa a nossa  
patria.

Ha em Montevideo monumento aos  
grandes brasileiros, como um a Rio  
Branco, alvo blóco de marmore artística-

---

<sup>11</sup> JORNAL PEQUENO. Caravana Medica Brasileira. Recife, 06 fev. 1928b. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/800643/43238>>. Acesso em: 13 jan. 2022.

mente talhado, symbolo da veneração  
dum povo por outro povo irmão.  
Uma das mais bellas avenidas, cha-  
ma-se Avenida Brasil e ha uma esco-  
la que nos honra com o mesmo no-  
me, onde se lê em autores brasileiros  
e se ensina até a historia do Brasil.  
Tudo isto demonstra o sentimento  
amigo daquelle povo pela nossa terra.  
O povo uruguayo é um dos mais  
cultos da America. Uma mentalidade  
superior funde as pacificas e elevadas  
aspirações daquelle povo que parece  
viver todo abraçado num salão de  
festas.  
“O Uruguay infunde respeito, por-  
que é uma terra de gênios” disse o  
ministro mexicano José Vasconcellos.

[à margem esquerda: O POVO PORTENHO]

Ninguem neste mundo vive mais  
que o Argentino: de dia trabalha  
como um Norte-americano e de noite  
diverte-se como um Parisiense.  
Mas com toda esta preocupação de  
viver, elle não esquece de ser educa-  
do e gentil; e o homem que de ma-  
nhã construiu arranha-ceus, de tarde  
sommou cifras num banco, de noite  
vem ter comnosco e nos diz amavel  
que “lhe gusta immenso el Brasil” e  
que “somos hermanos, hijos de la  
miesma America”. Ficamos encantados  
com a delicadeza e assombrado com  
a energia deste povo que tem em  
cada individuo uma empresa de mul-  
tiplos affazeres.  
Expansivo, alegre e pairador o Ar-  
gentino nos leva logo á sua intimi-

dade e penetrando-lhe o espirito, encontramos muita intelligencia, muita cultura e muito bom senso, aquelle bom senso da velha Europa.

Quem contempla aquelle povo atra vez da realização de seus esforços vê nelle a musculatura seivosa e moça da America, incitada a mover-se por um cerebro facetado e polido na clas sica Europa.

[à margem esquerda: MENTALIDADE E CULTURA]

- Por falar em cerebro, diga-nos mais da mentalidade destes povos?  
- Muito elevada, tanto no Uruguay como na Argentina. Seus universitarios têm solida cultura e estendem suas vistas a horizontes intellectuaes, por vezes recuados de mais para nossos olhos incultos. São mais realistas. Já não possuem o daltonismo de nossas es colas que vêm sempre ouro e esmeralda nos borrões verde-amarellos. Olham tudo terra a terra. E “seu idéalismo é sempre baseado na exper iencia’ como dizia Sarmiento.

[à margem esquerda: O JORNALISMO]

O jornalismo no Prata é uma pro fissão e um apostolado. Trabalha-se com carinho, intelligencia e cultura. O jornalista lá é tão essencialmen te culto, quanto o nosso é mal remunerado. O de lá pode comprar livros e lel-os, o daqui quando muito descom por os livros e os autores e comprar

más comidas para suprir as energias  
gastas em tão solenes descompôs-  
turas.

[à margem esquerda: LITTERATURA]

A litteratura é viva e forte.  
Mora no Uruguay a maior poetisa  
da America: Juana de Ibarburú. E na  
Argentina “a gente nova cançada de  
ver o espectaculo de Ruben Dario e  
Leopoldo Lugones” sacudiu o velho  
pó dos afarrabios hespanhóes e come-  
çou a escrever com nacionalismo, com  
“argentinidad” como dizem elles mês-  
mo, pioneiros da litteratura na Ame-  
rica Latina.  
E fundaram esplendidas revistas  
como “Martin Fierro” e “Babel” e com  
uma energia inquebrantavel de gente  
môça começaram a batalhar todos, com  
a mesma aspiração de renovar a de-  
crepita litteratura hespanhola, sempre  
adoentada, apezar de respirar o ar pu-  
ro e sadio da America. E a gente mo-  
ça do pampa venceu. Hoje ha nomes  
como Evar Mendez e Francisco Berna-  
dez, realidades positivas na litteratu-  
ra americana.

[à margem esquerda: A SCIENCIA NA AMERICA HESPAÑOLA]

- Temos ouvido muito, mas ainda  
nos falta uma coisa. A Caravana fôra  
uma embaixada de scientistas, a scien-  
cia era por certo seu assumpto pre-  
dilecto. Fale-nos pois, sobre a scien-  
cia e principalmente a Medicina nestes  
paizes da America. O que achou?  
- Podia dizer-lhe em synthese que

lá se estuda muito e se sabe de muita coisa, que “nosotros” não sabemos.

Mas vou detalhar.

No Uruguay ha uma optima Faculdade de Medicina e esplendiosos hospitaes. Destacam-se as modelares instituições para saúde e hygiene infantil, com modernissimas installações e desvelado carinho dos scientistas.

Assisti em Montevideo a “Exposição de Livro Scientifico” e vi preciosos trabalhos que attestam bem a acurada cultura deste povo.

Na Argentina a gente fica assombrada. Os hospitaes são palacios encantadores bordados de lindos jardins. A Faculdade de Medicina possue 4.500 alumnos que praticam em desenas de hospitaes, lêm em confortaveis bibliotecas e ouvem aulas de sabios professores como Speroni, Arce e Araoz Alforo. A sciencia argentina rivalisa com a dos mais civilizados meios scientificos do mundo. E poucas cidades no novo e no velho continente apresentam tão grande numero de hospitaes modelares. Feliz deste povo que tem onde se curar.

[à margem esquerda: MOCIDADE ESTUDIOSA]

- Fale-nos agora sobre si proprio.  
Diga-nos que fez?  
- Falar de mim. Impossível.  
Não tenho nada que dizer. Melhor será falar sobre o estudante americano e para terminar sobre o valor do elemento estudantil que acompanhou a Caravana.

O estudante americano é em geral pouco entusiasta. Não se sente em

torno de nossas universidades a quente agitação do “Quartir Latin” em Paris. É tudo calmo e pacato. O estudante americano vive a ruminar a constante ração de sciencia que lhe offerta a velha Europa, com a impassível placidez dos camellos do Sahara. Nem para agradecer se mexem.

E no Brasil, principalmente, o ideal do estudante (quando o tem) é sempre reduzido e seus horisontes são quasi sempre as proprias paredes do quarto. Decorar dois pontos de Anatomia ou de Direito Criminal e deixar que a vida passe quieta pelos intervallos das refeições, eis o santo e mordelar intento do bom estudante no Brasil. Que tomem sua patria, toquem fogo na America, ou esburaquem o mundo de balas, mas o deixem quieto no quarto a digerir Testut, ou outro mais indigesto prato.

No Uruguay (graças a Deus) a coisa faz exceção. O estudante uruguayo é o mais vivo e alerta da America.

A instrucção bem difundida em todo o paiz aclarou o espirito agudo da mocidade, sempre curiosa e viva e sempre com o ouvido atento sobre o coração da America.

Ha em Montevideo uma revista cujo titulo define esta mocidade. Chama-se “El estudiante Libre” e nella se ventilam desde os interesses profissionaes até as mais altas questões sociaes, diplomaticas e internacionaes. “El estudiante libre” não é uma revista uruguaya, é uma revista universal.

[à margem esquerda: COLLEGAS E COMPANHEIROS]

Para terminar direi algo sobre os estudantes da Caravana, meus companheiros de viagem.

A Caravana foi feliz na escolha de seus componentes e se um ou dois elementos como eu nada fizeram de realce, houve muitos que quebrando o ritmo certo dos logares-communs souberam mostrar no estrangeiro que debaixo desta larga tenda coberta pelo céo do Brasil, entre os largos caminhos abertos neste “deserto coberto de ver-dura”, como dizia le Cointe, não havia só camellos pacatos que ruminam, mas também mercadores de pensamentos que caminham para o futuro. Entre os

[fl. 2]

o mais digno de elogios destacam-se o de Herman Lima, Alencar de Carvalho e Calvino Filho. Tornou-se também para todos inesquecível o nome do doutorando Clovis Benevides que em seu espírito fino, sua inteligência luminosa e sua aprumada correcção quasi monopolisou a affeição de toda mocidade platina.

Foi ele o embaixador diplomático da aristocracia estudantil no Brasil. Com tais elementos, creio eu, soube o Brasil visitar o estrangeiro.

#### **Referências Bibliográficas:**

AMORIM, Helder Remígio de. “Um pequeno pedaço do incomensurável”: a trajetória política e intelectual de Josué de Castro. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE MEDICINA. Luiz do Nascimento Gurgel. Disponível em: <ht-

- tps://www.anm.org.br/luiz-do-nascimento-gurgel>. Acesso em: 14 abr. 2023.
- BÔAS FILHO, Orlando Villas. Democracia: a polissemia de um conceito político fundamental. **Revista da Faculdade de Direito**, São Paulo, v. 108, p. 651-696, 2013. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rfdusp/article/view/67999/70856>>. Acesso em: 14 abr. 2023.
- BRASIL. Atos do Poder Executivo, de 09 de abril de 1964. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, ano 52, n. 67, 09 abr. 1964a. Seção I, p. 1.
- BRASIL. Atos do Comando Supremo da Revolução, de 10 de abril de 1964. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, ano 52, n. 68, 10 abr. 1964b. Seção I, p. 1.
- CASTRO, Josué de. **O Paiz Para intensificar a fraternidade brasileiro-platina**. Rio de Janeiro, 26 jan. 1928. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/178691\\_05/32755](http://memoria.bn.br/DocReader/178691_05/32755)>. Acesso em: 13 jan. 2022.
- CASTRO, Josué de. **Alimentação e raça**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.
- CASTRO, Josué de. **A Alimentação brasileira à luz da geografia humana**. Porto Alegre: Globo, 1937.
- CASTRO, Josué de. **Geografia da Fome. A Fome no Brasil**. Rio de Janeiro: Edições Cruzeiro, 1946.
- CASTRO, Josué. As condições de Vida das Classes Operárias do Recife. In: CASTRO, Josué. **Documentário Nordeste**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1957.
- CASTRO, Josué de. **Geopolítica da Fome**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1959.
- CASTRO, Josué de. **O livro Negro da Fome**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1968.
- HÖSLE, Vittorio. O terceiro mundo como um problema filosófico. **Griot - Revista de Filosofia**, v. 8, n. 2, p. 239-265, 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5766/576664910018/576664910018.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2022.
- LUDERMIR, Bernardo. Josué e as circunstâncias. In: **Ciclo de Estudos sobre Josué de Castro: Depoimentos**. Recife: Academia Pernambucana de Medicina/UFPE, 1983.
- JORNAL DO BRASIL. **O momento não é bom**. Rio de Janeiro, 13 ago. 1967. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_08/103392](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_08/103392)>. Acesso em: 22 mar. 2022.
- JORNAL PEQUENO. **Jornal pequeno, uma quasi resurreição**. Recife, 24 jul. 1899. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/800643/1>>. Acesso em: 16 mar. 2022.
- JORNAL PEQUENO. **A Caravana Medica**. Recife, 21 out. 1927. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/800643/42710>>. Acesso em: 04 abr. 2023.
- JORNAL PEQUENO. **Um discurso do deputado pernambucano Amaury de Medeiros**. Recife, 02 nov. 1927. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/800643/42764>>. Acesso em: 04 abr. 2023.
- MELO, Marcelo Mário de; NEVES, Teresa Cristina Wanderley (Orgs.). **Josué de Castro**. Perfis parlamentares, n. 52. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2007. Disponível em: <<https://bd.camara.leg.br/bd/handle/bdcamara/2642>>. Acesso em: 06 jan. 2022.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2014.
- PEQUENO JORNAL. **Pequeno jornal**. Recife, 01 jul. 1898. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/800643/521>>. Acesso em: 16 mar. 2022.

PRESTRELO, Vittor Leandro Bezerra. **A ideologia do progresso: cotidiano e trabalhadores pobres no Recife (1920-1930)**. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de História, Recife, 2013.

QUEIROZ, Andréa Cristina de Barros. A memória institucional e os impactos da repressão na UFRJ (1964-1985). **Anais do Encontro Internacional e XVIII Encontro de História da Anpuh-Rio: História e Parcerias**. Niterói: UFF, 2018. Disponível em: <[https://www.encontro2018.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1529704709\\_ARQUIVO\\_TextoANPUH-RIO-AndreaQueiroz.pdf](https://www.encontro2018.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1529704709_ARQUIVO_TextoANPUH-RIO-AndreaQueiroz.pdf)> Acesso em: 09 mar. 2022.

QUEIROZ, Andréa Cristina de Barros. As memórias em disputa sobre a ditadura civil-militar na UFRJ: lugares de memória, sujeitos e comemorações. **Tempo**. Niterói: PPGH/UFF, v. 27 n. 1, p. 184-203, jan./abr. 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/TEM-1980-542X2021v270110>>. Acesso em: 09 mar. 2022.

QUEIROZ, Andréa Cristina de Barros. **A UFRJ e a ditadura (1964-1985): lugares de memória e trajetórias**. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2022.